

# ANÁFORAS EM RELATIVAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Maria Cecília MOLLICA<sup>1</sup>

- RESUMO: Este trabalho, baseado em um banco de dados da língua oral, se centra especificamente em duas funções mais importantes do uso de pronomes anafóricos em orações adjetivas. Em primeiro lugar, aponta a relevância desses elementos como enfatizadores dos elementos da cláusula relativa. Em segundo, mostra como esses pronomes funcionam como um expediente produtivo que torna mais fácil o empacotamento da informação e o processamento das sentenças no fluxo contínuo do discurso.
- PALAVRAS-CHAVE: Pronomes anafóricos; orações adjetivas; traços semânticos.

## Objetivos

O português falado na região do Rio de Janeiro vem apresentando variação de uso em construções sintáticas em geral e, em especial, nas cláusulas relativas. A variação de que trato ilustra-se em construções como:

- 1a) Eu conheço um carpinteiro que *ele* trabalha muito bem;
- 2a) Aquele é o rapaz que eu estava falando *dele* ontem.

Estas sentenças são variantes de formas tradicionalmente aceitas pelo padrão culto:

- 1b) Eu conheço um carpinteiro que trabalha muito bem;
- 2b) Aquele é o rapaz de quem eu estava falando ontem.

---

1 Departamento de Linguística – Faculdade de Letras – UFRJ – 21941-590 – Rio de Janeiro – RJ.

A diferença entre (1a) e (1b) e entre (2a) e (2b) se caracteriza pela presença, em sentenças (a), e pela ausência, em sentenças (b), do pronome anafórico, cópia do sintagma nominal antecedente da cláusula encaixada relativizada. Como hipótese, creio que esse elemento correferencializador do SN antecedente é introduzido variavelmente com certo papel relevante e definido do ponto de vista discursivo-pragmático.

O estudo abrange a análise de dados de todas as funções sintáticas que o relativizador exerce na sentença encaixada – sintagma sujeito, sintagma complemento (preposicionado ou não) – e considera a possibilidade que o relativizador tem de apresentar a cópia do SN cabeça da relativa. O quadro varacional pode-se resumir como se segue:

- (3) a O menino que estuda aprende  
b O menino que *ele* estuda aprende
- (4) a O livro que eu comprei é bom  
b O livro que eu comprei *ele* é bom
- (5) a Os filmes que gostamos são muitos  
b Os filmes que gostamos *deles* são muitos

Não se encontra na amostra pesquisada (língua falada semi-espontânea) a forma culta

- c O filme de que gostamos são muitos

O estudo que realizei considera tão-somente as variantes binárias (a) e (b) em 3, 4 e 5, pois (c), em 5, não possui estrutura paralela com cópia. \*Os filmes de que gostamos deles são muitos.

Após o meu estudo sobre o assunto (Mollica, 1977, 1981), Tarallo, em 1983, atesta a mesma variação em São Paulo. Segundo Galves (1985), a ocorrência variável do pronome sombra em relativas é um dos marcos diferenciadores entre o português falado no Brasil e o português de Portugal.

Neste texto, tenho o objetivo de demonstrar que a anáfora pronominal nos exemplos em (b) constitui estratégia enfática do sistema do português brasileiro com vistas a focalização de entidades de referentes nominais e à facilitação de processamento sintático. Vou me valer da pesquisa que realizei no trabalho supramencionado que, naquele momento, teve como escopo teórico-metodológico a Teoria da Variação (Labov, 1969), utilizando-me portanto da análise de correlação de variáveis a variantes linguísticas, de base quantitativa.

## As variáveis relevantes

A natureza morfo-semântica do SN antecedente da cláusula relativa constitui uma das pistas para a descoberta das variáveis que contextualizam o emprego das anáforas em questão e sua conseqüente funcionalidade na comunicação. SNs de base pronominal não estão sujeitos a processo de anaforização, enquanto os de base nominal submetem-se variavelmente ao processo. Então, (6) não é encontrado, já (7) é plenamente possível no português de hoje.

(6) \*Aquele dia eu tava com pressentimento do que *ele* ia acontecê.

(7) Tem um senhor também que *ele* reza a pessoa.

Em (6), a explicação é bastante evidente: a língua não costuma pronominalizar elementos com o mesmo traço categorial, pois seria mera redundância, desprovido de valor funcional.

## Database

Os fatores foram testados em estudantes do então MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), considerados como amostra representativa da classe semi-escolarizada da população carioca. Como a incidência da variável em estudo é muito baixa em falantes de maior nível de escolarização, a população mobarlense (composta de analfabetos, praticamente) prestou-se melhor para a investigação.

A amostra pesquisada restringiu-se a quatro indivíduos da amostra global em Competências Básicas do Português (Lemle & Naro, 1977).<sup>2</sup> Eles foram escolhidos aleatoriamente dentre os vinte utilizados na referida pesquisa, uma vez que a única variável social relevante era o nível de instrução comum a todos e o estudo acerca da anáforas envolvia tão-somente fatores estruturais. São sete entrevistas de duração média de uma hora com cada um dos falantes. Embora apresentassem diferenças entre eles, esses sujeitos se mostraram relevantes, pois apresentaram um número estatisticamente significativo, requisito necessário à testagem dos dados em VARBRUL (Sankoff, 1975).

---

2 Trata-se de pesquisa realizada com estudantes do MOBREAL do Rio de Janeiro, a fim de comparar a competência linguística constatada na fala de adultos em fase de alfabetização, cujos objetivos restringem-se ao ensino da base indispensável para a compreensão e produção de textos escritos, de dificuldade média.

## A importância do nível semântico

Eliminadas as ocorrências categóricas, as características semânticas do SN antecedente apontam na direção das motivações de uso das anáforas, bem como sua posição em relação à fronteira inter-sintagmática. SNs antecedentes de traço (+ humano), (- especificado) e (+ coletivo) reúnem as pré-condições ótimas à emergência das anáforas. Examinem-se os exemplos (9), (10) e (11), em que os referidos traços estão presentes, concomitantemente ou não.

(9) Tenho uma colega que (*ela*) é doidinha por lá.

(10) Ele é um cara que (*ele*) não gosta de nada.

(11) Tem gente que (*eles*) sai até choranu.

A característica (+ humano) inclui também (+ animado), razão por que não é preciso isolar esse traço separadamente. A codificação dos casos de especificação considera a presença de artigos definidos, de pronomes possessivos e de pronomes demonstrativos, para (+ especificado), e de artigos indefinidos, pronomes indefinidos e de vocábulos com idéia indeterminada, tal como *gente*, *pessoa*, *coisa*, para (- especificado). O traço (+ coletivo) imprime-se através de nomes como *gente*, *pessoal* e por meio da marca morfêmica de plural.

Tabela 1 - Características semânticas do SN antecedente

Fatores	%	Prob
- humano	593/662 = 89%	,32
+ humano	602/637 = 94%	,68
- especificado	536/556 = 96%	,65
+ especificado	659/742 = 88%	,35
+ coletivo	445/475 = 95%	,65
- coletivo	740/824 = 98%	,35

Das 1.299 cláusulas utilizadas na pesquisa, um número elevado de 1.195, correspondente a 92%, apresenta ausência da cópia, o que confir-

ma a baixa ocorrência do pronome sombra mesmo em indivíduos como os do universo pesquisado

A constatação estatística de que SNs humanos são favorecedores à emergência do pronome sombra corrobora princípio mais geral das línguas segundo o qual a pronominalização de nomes (+humano) são mais aceitáveis. Admite-se mais a passagem de

(9) Pedro cresceu  
para

(10) Ele cresceu  
do que de

(11) O bolo cresceu  
para

(12) Ele cresceu

Há um total de 90% de SNs pronominalizados (+humano) nas entrevistas analisadas. Trabalhos posteriores como o de Omena (1978), sobre formas variantes com função acusativa, e o de Braga (1986), sobre anáforas em construções de tópico, confirmam a universalidade do princípio, pelo menos no português

Pelos resultados numéricos, fica também constatado o fato de que o traço (+especificado) inibe o uso da cópia. Sendo o SN antecedente (+esp) marcado semanticamente pelo traço (+referencial), há menos probabilidade de ser copiado, já que o pronome teria a função apenas de enfatizar redundantemente a referencialidade. O SN antecedente não especificado apresenta maior probabilidade de ser copiado, porque neste caso a cópia tem a função precípua de reiterar a referencialidade do antecedente.

O traço (+coletivo) do SN antecedente favorece, conjuntamente com os demais traços anteriormente discutidos, o uso mais frequente da anáfora (Tabela 1). Essa tendência parece corresponder novamente à necessidade ou não de marcar a referencialidade do SN cabeça da cláusula relativa, tornando seu referente mais explícito. Comparem-se as sentenças

(13) Ten uns caras que são malcriado

(14) Lá em casa tinha um rapaz que *ele* ia tocá violão

Na sentença (13), em que o SN antecedente é (+col), não há necessidade de tornar clara a referencialidade do SN antecedente, uma vez que se desejam indiferenciados os sujeitos aos quais se refere; em (14), no entanto, o que se deseja é exatamente tornar o SN mais explícito

Outra explicação possível para justificar-se a tendência observada do traço (+col.) vir a favorecer o emprego da anáfora pode-se desenvolver no nível do processamento morfológico do pronome cópia. Observe-se então.

- (15) É um pessoal que eu falo.
- (16) É um pessoal que eu falo com *eles*.
- (17) É um pessoal que eu falo com *ele*.

O SN cabeça *pessoal* (que contém idéia plural) deixa dúvidas quanto à codificação da forma gramatical do pronome sombra: sentenças (16) e (17). A língua portuguesa admite ambas as possibilidades, sendo a dubiedade morfológica eliminada quando são preferidas frases do tipo (15), de relativização cortadora, pois não há riscos de erros quanto ao processamento morfológico da cópia.

## Função psicolinguística

A anáfora nas relativas, assim como inúmeros outros usos do português oral, acha-se a serviço de estratégias de processamento no nível da memória de curto termo. Para a comprovação dessa afirmação, controlei a relação entre o núcleo cabeça da cláusula e a fronteira inter-sentencial. A variável em jogo distribui os dados em (a), com distância, e em (b), sem distância. Em (a), agrupam-se os enunciados nos quais há elementos intervenientes entre o SN antecedente e o relativizador, sejam eles adjetivos, pronomes possessivos, pausa, pronome indefinido, presença de outra cláusula encaixada, marcadores e outros que tais; em (b), estão reunidos os dados em que não há nenhum elemento entre o SN cabeça e a fronteira inter-clausal. Vejam-se os exemplos.

- (a) Essa é a mulher *dele* (pausa) que *ela* morô com ele.
- (b) Essa moça tem uma filha que tem estudo.

Há outros exemplos tipo (a) que arrola a seguir.

- (c) Tenho uma amiga – *uma madame né* – (pausa) que *ela* é muito amiga minha.
- (d) Ela tinha um médico *certo* (pausa), *tinha um médico dela* (pausa), *justamente*, que tratava dela.
- (e) Ela é uma professora *que*, (pausa) *vou lhe dizer*, *ela* não faz pelo aluno o que ela não pode.

Tabela 2 – Distância do SN antecedente

Fatores	%	Prob
s/dist.	289/369 = 81%	,28
c/dist.	897/931 = 96%	,72

Essa variável mostrou-se particularmente relevante para o caso em exame (conferir os quantitativos na Tabela 2). Admito pelo menos dois motivos que concorram para explicar a tendência de a pronominalização se dar mais nos casos caracterizados como (c/dist.): (a) o primeiro está ligado à questão de processamento do discurso oral: não havendo a cópia, ficam obrigados falante e ouvinte a reter de memória o antecedente, durante todo o tempo de enunciação dos elementos intercalados entre o SN núcleo da matriz e a fronteira inter-sentencial; (b) o segundo se relaciona à intenção de ênfase, patente no uso daqueles elementos intercalados e reforçada, na mesma direção, pela cópia.

Vale lembrar que essa variável se mostrou pertinente em inúmeros trabalhos de variação desenvolvidos sobre o português falado. A título de ilustração, ver Braga (1986), Scherre (1988), Silva (1988), Mollica (1986, 1989, 1995). Presentemente, também, o tamanho de constituintes tem sido discutido pelos funcionalistas à luz do subprincípio da quantidade, decorrente do princípio da iconicidade (Votre, 1992). Em recente trabalho, Braga (1994) aborda o tópico ao discorrer sobre a relação entre sentenças clivadas e a dimensão dos constituintes no português do Brasil.

## Conclusões

Os quatro parâmetros testados formam um conjunto complementar condicionador favoravelmente à emergência das anáforas nas relativas. Se a cópia tem a *função* (Givón, 1979) de focalizar o referente do SN antecedente da cláusula relativa, tem maior probabilidade de ocorrer quando esse vier envolvido por ambiente que propicie o seu emprego, a saber: (1) conter traço semântico mais facilmente pronominalizável, segundo tendência natural da língua; (2) ser indefinido para que a anáfora o referencialize de forma mais saliente; (3) ter idéia singular para que o referente seja facilmente diferenciado de um grupo; (4) vir acompanhado

de elementos intervenientes de modo que a cópia surja como papel de facilitador no processamento de curto termo, no nível interno da sentença

Levando em conta os fatores estruturais apontados como relevantes à emergência de anáforas em relativas, acredito ter demonstrado que a propalada linguagem popular, se bem que algumas vezes redundante, é carregada de contraparte semântico-funcional expressiva. Sabe-se que, ao longo do tempo, algumas inovações nas línguas acabam sendo assimiladas pela norma, outras refreadas. No caso das relativas, não se pode descartar a hipótese de previsão de crescente emprego de formas anafóricas tidas como populares, especialmente daquelas que em prestam ao discurso maior expressividade e conseqüente aumento na eficácia comunicativa. Assim, neste texto, mostrei que o processo de pronominalização do SN antecedente nas orações adjetivas é motivado e codifica-se funcional e variavelmente em cadeias de fala (em menor escala), em certo perfil de falante e de estilo sociolinguístico no português do Brasil

MOLLICA, M. C. Anaphora in the relative clause in Brazilian Portuguese. *Alfa (São Paulo)*, v.41, n.esp., p.171-179, 1997.

- **ABSTRACT:** *This paper, based on a spoken database, focuses specifically on two major functions of the usage of anaphorical pronouns in adjective clauses. First, it outlines the relevance of those elements as emphaziers of the relative clausal elements when the NP head has specific semantic features. Second, it shows how those pronouns function as a productive device which makes it easier the information packaging and processing of the sentences in the continuous flow of discourse.*
- **KEYWORDS:** *Anaphoric pronouns; adjective clauses; semantic features.*

## **Referências bibliográficas**

BRAGA, M. L. Construções de tópico de discurso. In: NARO, A. J. *Relatório final FINEP/UFRJ*, Rio de Janeiro, 1986. (Mimeogr.).

\_\_\_\_\_. A dimensão dos constituintes no português do Brasil. In: MOLLICA, M. C., MOITA LOPES, L. P. *Linguagem, interação e sociedade. Tempo Brasileiro*, n.117, p.27-44, 1994.

- GALVES, C. *Português do Brasil e de Portugal*. Campinas, 1985. (Mimeogr.).
- GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- LABOV, W. Contraction, deletion and inherent variability of the English Copula. In: \_\_\_\_\_. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1969.
- LEMLE, M., NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro, 1977. (Relatório final apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento de Alfabetização – MOBRAF).
- MOLLICA, M. C. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica.
- \_\_\_\_\_. La copie dans les constructions relatives en Portugais. In: SANKOFF, D., CEDERGREN, H. (Ed.) *Variation omnibus*. Canadá: Linguistic Research, 1981. p.329-34.
- \_\_\_\_\_. Os supra-segmentos de fronteira: principais causas e funções. In: MACEDO, A., RONCARATI, C., MOLLICA, C. (Org.) *Varição e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Rio de Janeiro, 1989. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. *(De) que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- OMENA, N. P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Rio de Janeiro, 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica.
- SANKOFF, D. *VARBRUL version 2*. Montréal: Université de Montréal, 1975.
- SILVA, V. L. P. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Rio de Janeiro, 1988. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, 1988. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- TARALLO, F. L. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Pennsylvania, 1983. Dissertation (Ph.D) – University of Pennsylvania.
- VOTRE, S. *Linguística funcional: teoria e prática*. Québec: Université Laval, 1992.